



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

8 DE MARÇO DE 1958  
Ano XV — N.º 365 — Preço 1\$00

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

## ANIVERSÁRIO

A verdade não muda. Oito anos depois daqueles seis, as palavras de Paulo Apóstolo aos Coríntios que serviram de mote a Pai Américo, são a palavra do momento. Por isso Júlio lembrou, e eu concordei, que o «fundo» do 14.º aniversário fôsse o mesmo do 6.º.

É a colaboração de Pai Américo neste número de festa, que os rapazes da tipografia, Cândido e Daniel à frente, quiseram que saísse engalanado.

Que riqueza poderemos conservá-lo assim presente, porque Deus lhe deu a sabedoria da Sua Palavra e, por isso, aquelas que foi escrevendo eram mais d'Ele do que d'ele e não passaram, são!

...Não demos a ninguém ocasião alguma de escândalo, para que não seja vituperado o nosso ministério; antes em todas as coisas nos portemos como ministros de Deus, com muita paciência nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nos cárceres, nas sedições, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns; com castidade, com ciência, com longanimidade, com mansidão, com o Espírito Santo, com caridade não fingida, com a palavra da verdade, com a virtude de Deus, com as armas ofensivas e defensivas da justiça; na honra e na desonra; na infâmia e na boa fama; considerados como seqüitores mas verdadeiros; como desconhecidos, mas conhecidos; como morrendo, e eis que vivemos; como castigados, mas não amortecidos; como tristes, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como não tendo nada, mas possuindo tudo.

**C**OM a resolução de fundar um jornal, dirigi naquele tempo meus passos vacilantes a Lisboa. A passagem pelo Porto, tive ocasião de subir a um quinto andar da rua dos Pelames, o que veio atizar a minha ideia, pelas coisas que ali vi... Isto foi em Fevereiro de 1944. A casa de Paço de Sousa tinha nascida em Março de 1943; um ano.

O que vira e ouvira na rua dos Pelames, encheu-me o coração. Eu ia tomado de uma grande dor. Se até ali sentia necessidade de dizer, agora muito mais. Por outro lado, a experiência daquele pequenino uno, tinha-me ensinado que os jornais de grande tiragem, não aceitam ninharias, só coisas sérias e importantes. E um deles, que julgo por delicadeza aceitou, deu o meu artigo à estampa por tal forma mutilado, que perdera com isso toda a verdade e sabor. Por tudo isto, cresei dentro de mim o desejo de falar.

Em Lisboa indicaram-me a repartição aonde havia de tratar. Vieram os senhores. Eram oficiais do exército. Quente ainda da minha visita ao quinto andar dos Pelames e sabendo das naturais recusas da Imprensa, eu desatei a falar àqueles senhores; que era preciso dizer a verdade toda. E disse e disse e disse. Os senhores não abriram a boca. Não fizeram um gesto. Mandaram-me esperar. Retiraram-se do gabinete, deixando-me ali sósinho! Já sei, disse eu para mim mesmo. Falei demais. Vou ser preso. Adeus jornal. Portemo-nos como ministros de Deus nas tribulações, nas angústias, nos cárceres.

Semanas depois o jornal via a luz do dia e começou desde a primeira hora a ser em Portugal e para os portugueses, uma grande luz. Todo ele é um programa; o programa do Evangelho. De propósito chamamos hoje aqui o testemunho de S.

Continua na página QUATRO

Outro aniversário... e duplo! É o do Pai comum de todos os cristãos. Em 2 de Março, 82 anos de vida e 19 de eleição papal. Em 12, outros tantos anos de Pontífice coroado.

Pai comum de todos os cristãos... — disse. Pai de todos os homens. Pois não faz Ele as vezes de Cristo?! E não é Cristo o Filho de Deus descido dos Céus para gerar filhos de Deus todos os homens?!

Os seus braços abertos, como no-lo mostram tantas fotografias, significam o Pai que espera os filhos pródigos e, ao mesmo tempo, a sua Cruz, porque tantos tardam em vir e alguns se consomem sem jamais chegar.

Quem, alguma vez, por missão, foi Pai, e o foi vicariamente, pode dizer alguma coisa das dores do Coração de Deus, feitas pelos homens que não crê-

OUTRO ANIVERSÁRIO

em, nem esperam, nem sabem, em verdade, o que é o amor. Se eles desconhecem e desprezam o Amor!...

Se algum homem, por missão, pode dizer alguma coisa, quem mais, ou melhor, do que o Pai comum de todos os homens, daqueles que confessam a sua paternidade e até dos que a negam? Como não hão-de ser em cruz os braços do Papa, seja Pio ou Clemente, Bento ou Leão?!

O nosso Papa Pio — o Padre Eugénio, como Pai Américo gostava de dizer — faz anos. Nós somos uma família erguida sobre o SS. Nome de Jesus.

O nosso Papa faz anos... — em nossa casa é festa.

«Que o Senhor o conserve e o avivente e o faça feliz na terra e o não entregue ao poder dos seus inimigos».



**E**STOU a escrever à sombra de uma oliveira, na rua delas, onde Pai Américo, nos seus primeiros tempos de obreiro da rua, também muitas vezes se sentou a escrever ou passou a rezar.

Olho na minha frente e ao longe o Santuário da Senhora da Piedade, marco da fé e piedade dos cristãos de outras eras. Vejo também a dorinar toda a povoação, a nova igreja de Vila Nova, fruto da heroicidade daquele povo. O panorama, ondeado pelos montes, todo ele é verdejante e majestoso, cheio de simplicidade. Deus é tão rico nas Suas obras!...

Enquanto contemplo toda esta grandeza cheia de simplicidade com que Deus criou todas as coisas, penso na complexidade das coisas pequeninas que os homens fazem e fico chocado com a desproporção.

Já naquele tempo e neste mesmo lugar Pai Américo se queixava, com muita amargura, desta mesma verdade: os homens procuram negociar com a caridade.

Olhai os lírios do campo e as avezinhas do céu que não se meiam nem tecem e o Pai Celeste os veste de riqueza e magnificência e as alimenta suficientemente.

Nesta festa de aniversário de «O Gaiato» que, pela simplicidade com que diz a verdade, tanta luz tem levado a inteligências fechadas à verdade e tanta força de vontade tem estimulado em corações resistentes ao bem, nós queríamos revelar a todos, mais uma vez, a dor dos que trabalham mais dentro da Obra da Rua.

Esta dor é provocada pela especulação da Caridade.

Hoje, mais que nunca, há a preocupação do comércio. Negocia-se seja com o que for. Não se atende à matéria, nem à forma e muito menos ao espírito. O que interessa é que o público gaste.

É tão triste ver por esses estabelecimentos e botequins, exposta à venda, a imagem ou escultura de Pai Américo, que geralmente só se conhece pelo nome que tem escrito!



A «Aldeia» vista do ar

Continua na página QUATRO

«Padre Américo — «O Altruista»

## BIOGRAFIA?

*Nem isso, nem sei que género literário esse livro de título equívoco e de mau gosto, que aí apareceu há dias.*

*Pensei, de relance, que seria mais uma tentativa para separar o Pai Américo do sacerdote católico, como se porventura ele tivesse sido Pai, ou pudesse sê-lo na dimensão em que o foi, se não houvesse sido Padre. Mas, afinal, também nem isso. Apenas uma aventura, certamente bem intencionada, mas pouco feliz.*

*É pena! É pena que a Verdade, às vezes, seja canalizada em tubo estreito, por amor de certas conveniências e que permaneça livre a possibilidade de publicações inferiores sobre tantos objectos e, entre tantos, sobre uma Figura que merece mais respeito!*

*Não. Nem biografia, nem sei que género literário... A informação erra a cada passo. As lacunas, aliás accidentais, são preenchidas com imaginações gratuitas. A autoria dos passos citados é, frequentemente, mal atribuída...*

*Não nos repugna que alguém, seriamente preparado e bebendo em fontes historicamente confirmadas (que em verdade, no aspecto episódico, são bem escassas!) se proponha escrever a biografia de Pai Américo, ou, ao menos, um primeiro ensaio dela. Não é tarefa muito fácil! Por isso, os em melhores condições de preparação e de informação, preferem esperar em silêncio — que não significa inactividade — a colheita de mais elementos e a reflexão indispensável sobre quantos for possível reunir.*

*Porém, o aparecimento de um livro pouco feliz, de título equívoco e de mau gosto, obriga-nos a prevenir os leitores e expressar o nosso lamento pela maneira pouco séria — embora talvez bem intencionada... — com que se trata uma Figura que merecia mais respeito.*

## CASOS DA QUINZENA

Entre muitos, passados no decorrer destes quinze dias, cite-se, em primeiro lugar, este episódio que bastante nos alegrou.

Era domingo. Pela nossa avenida subia um «Mercedes Benz». O carro parou junto do nosso campo de jogos e dele saíram três senhores, os quais eu tomei por importantes, pela maneira como se apresentaram. No campo a nossa classe de infantis treinava sob a orientação do Dauiel. Eu, na altura, assistia. E estes senhores que subiram a nossa avenida com a intenção de visitarem a Casa, quedaram-se ali. Verdadeiramente admirados como os nossos pequenos disputavam lealmente a bola. A correcção e disciplina da juventude em flor. Não quiseram ver mais nada. Aquele pequeno número encheu-os por completo. Ficaram fascinados e no seu coração levaram uma grande certeza: a Casa do Gaiato continua a ser o orgulho dos verdadeiros amigos da Obra da Rua, porque nela se formam aqueles de quem a sociedade duvidou.

Uma das coisas que sempre notabilizou os nossos rapazes, é o avontade com que fazem ou tomam parte nos actos de comunidade. Um deles é na nossa capela, quer seja no terço ou na missa do domingo, e o motivo desta vez são os arcos e bolas de futebol.

Tocou para a missa e Peixeira, que antes corria com o seu arco, ouve o toque, pára e entra com o arco na mão pela capela dentro. Durante a missa esquece o arco para depois recomeçar a brincadeira de antes.

Ora Peixeira é já um rapaz de 15 anos, com o exame do segundo grau e é alfaiate. Sabe que não deve ser assim, mas estas

coisas saem dos nossos rapazes com uma naturalidade espantosa. É assim a Casa do Gaiato. Quem não acredita que venha ver-nos. Nós somos a porta aberta, dizia o Pai Américo.

Júlio não cabe em si de contente. Quem o observar bem, nota logo. Pois quem se não sentirá feliz por receber de Deus a grande ventura de ser pai?!

Desde o dia 25 de Janeiro do corrente ano que Júlio goza desta felicidade. Um petiz que é a cara chapada do pai. Chama-se Américo. Ontem, dia 6, foi o batizado. Dois grandes amigos nossos foram os padrinhos. Eu, convidado por Júlio, também estive presente representando a comunidade. O Senhor Padre Carlos foi quem baptizou aquele que hoje se chama: Américo Manuel dos Santos Carvalho Mendes.

Júlio é um dos obreiros de quem Pai Américo gostou. Soube sempre corresponder à confiança que nele depositou. É bom rapaz. Esposo leal e, se Deus quiser, será bom Pai. Como é nosso irmão, nós regozijamo-nos com a sua alegria e felicidade. Que Deus te ajude e te faça feliz.

Não vai muito longe a «Semana da Amabilidade». E numa casa como a nossa, onde há muitos rapazes, não faltam oportunidades para se ser amável. Ora da nossa comunidade fazem parte alguns com menos de seis anos, que são, evidentemente, os mais pequenos, os batatas como lhes chamamos. Naturalmente que não era preciso esperar pela «Semana da Amabilidade» para que os nossos rapazes fossem amáveis para com os mais pequenos. Não senhor. Muitos que nos conhecem sabem que todos

Amiudadamente peço ao Pai Comum a aflição dos Pobres. Tenho necessidade de pedir, que não me aflijo suficientemente. Peço e vou ver para apalpar e sentir. Assim a aflição é mais aguda, mais real, mais concreta. Vendo, ouvindo, palpando, não há quem se não deixe tocar.

Era à tardinha. Eu girava à procura dos pontos mais negros em um dos bairros habitado às minhas passadas. Depois de conversar com uma velhinha cega que não conhece outro regalo além do sol de inverno e da sombra no verão, sou convidado por alguém a subir uma encosta. Fui, que Deus serve-se de vários modos para nos apontar os Seus caminhos. A subida é íngreme, longa e o piso escorregadio. Do alto contempla-se a beleza e vastidão do Oceano e a imponência graciosa da cidade. O ar é puro e forte. Uma mulher de rosto macilento e vestido negro dá finalidade ao nosso esforço — Venha ver onde eu vivo.

Adianta-se. Mete-se num buraco e sai novamente. Fora buscar fósforos. A toca de al-

## SETUBAL

guns metros de comprimento termina num forno com metro e meio de diâmetro.

— Veja padre. Acende uma lamparina. Ao meio do piso irregular há uma vala para recolher a água que cai lá dentro como na rua. A um canto cacareja uma galinha e pia uma ninhada de pintos. A outro, um monte enlameado de farrapos é cama e agasalho de pai, mãe e quatro filhos. Do lado oposto uma caixa pequena e um alguidar de barro.

A lamparina deixou ver o exterior. A fisionomia da pobre mulher, a sua atitude, aquele lugar, espelham o interior.

«Vivo aqui há onze anos. Tenho quatro filhos. Morreram aqui minha mãe e meu pai, este há três meses. Quando chove até faz doer a alma».

Eu nunca tinha ouvido expressão tão forte e tão sentida — «até faz doer a alma». E disse e disse e disse. Como deve ser agudo o sofrimento!

Outros chamariam à expansão da minha visitada, protesto, revolta. Eu chamo-lhe desabafo. Bendisse naquele momento a Deus, como em nenhum outro, por me ter feito padre

da rua. Para algo sirvo. A pobre mulher desabafou. Semeou-me na alma a dor da sua dor e admiração do seu heroísmo que ninguém conhece nem canta! — «Estou sempre à espera que acabe a noite e venha o dia para nos levantarmos». Pudera! Naquela toca, naquela lama, naquele ambiente, naqueles farrapos quem poderá descansar?!

Voltamos de novo à idade das cavernas e das furnas.

Fui, outro dia, com Padre Horácio, dar uma voltinha pelo Património. Visitamos muitas freguesias. Casas novas habitadas e em construção enchem de felicidade pobres e ricos. Cada vez me doia mais a ferida aberta por aquela toca.

Eu creio que Deus é Amor e que a Sua Lei não é outra senão amar. Se algo de diferente te ensinarem não acredites. Ou amor, ou mentira! Quem ama aflige-se. Quem se aflige ama e age. Quem não se aflige, não ama nem a Deus nem ao próximo. São amores que só podem viver juntos.

Património dos Pobres vai abrir asas em Setúbal. Vem comigo ver os Pobres. Afligete. Age.

Padre Acílio

\*\*\*\*\*

Passou mais um ano sobre os Arianatos de «Chales de Ordins». E a procição há-de continuar na rua, enquanto nesta terra houver quem sofra, por não ter o pão de cada dia e não poder realizar a sua vocação humana e cristã. Como muitos têm chorado, sofrido com Ordins, é maré, agora, de também se alegrarem no Senhor ao fazermos o balanço de 1957.

Muito se lutou para Ordins deixar o ar selvagem, de tantos hábitos maus! — (Só Deus, por Quem trabalhamos, sabe se tudo foi baldado!) Esclarece-se, prevenindo qualquer possível ca-

com sua família, quanta vez nos pareceu tarefa bem mais fácil modelar almas de crianças ou jovens, levando vida comum!...

Demos por findo o sistema educativo das multas. Resta-nos a expulsão. Procuramos sempre iluminar caminhos, remover dificuldades, fazer andar os coxos. Mas nada podemos, quando as interessadas não querem. Respeitamos o dom da liberdade humana. Elas optam. Eliminam-se a si mesmas pelo mau uso da liberdade. Respeitamos e choramos. Lamentamos, sobretudo, a fuga daquela desgraçada tecedeira que, cega e surda a tantos

## CHALES DE ORDINS

cândalo, que os nossos cristãos, muita vez em discordância com a sua fé, nem homens são. Ora quem não tem as virtudes humanas, por força há-de ter ar selvagem e hábitos maus. Um índice de tal em Ordins foi quando lançamos a mão a uma desgraçada, para mais não se afundar, e encontramos vivos protestos dos «cristãos». Este doentio estado de alma encontra-se onde menos se julga. Basta descer ao terreiro e contactar com o povo.

Aquilo que os leitores chamaram «Obra dos Chales» é um serviço de caridade, visando socorrer as famílias que mais fundo caíram, moral e socialmente. O mundo abandona, depois de ter conspurcado. Lança-se agora a mão às «canas rachadas» e às «torcidas que ainda fumegam». O mundo maldiz. Mas este nada mais merece que desprezo. Diante deste ingente trabalho de educação de adultos, e para mais mulheres amortalhadas no manto da miséria, vivendo cada uma

conselhos e advertências e multas, roubou o marido duma vizinha. Confessamos a nossa impotência diante dum tal crime. Não temos ainda em Portugal leis simples e de resultado imediato que obstem. E a família vai-se desagregando. E os costumes degradando. Prende-se o ladrão duma carteira. E deixa-se em liberdade o ladrão que rouba a felicidade dum lar, o adúltero! Até quando? Para nem tudo serem lágrimas, damos graças a Deus pela recuperação daquela que voltou, depois de ter percorrido, durante anos, caminhos dúbios. Pertence ao nosso rosário aquela outra que, sem grandes hábitos de trabalho, muito sofreu, para, correspondendo ao nosso apelo, dar mais e melhor rendimento, somente a bem dela.

Quanto aos filhos destas Pobres, algo se fez. Dois foram em 1957 para casas de educação, abrindo-se-lhes novos caminhos, que a família não podia dar, e

Segue para a pág. TRES

Cândido Pereira



# BARREDO

Continuação da 3.ª página

das as semanas. Deixaram ficar um pedaço do seu coração. Agora é um regalo ver aquela mai-las quatro netinhas a dormir numa cama decente. Antes, quando chegava a noite, era um tormento. Dormir no chão... Agora não. A caridade é assim. E só a caridade é capaz de mitigar dores desta natureza.

Logo que penetramos no coração do Barredo já não somos senhores nossos. Levava o nome dos pobres que tencionava visitar escrito no papel da minha agenda e de nada me valeu. Fui onde me mandaram ir. Desci ao Barredo para servir.

A Maria Amélia, aquela rapariguinha tuberculosa, à espera de um sauatório, encontrei-a no mesmo estado. Pior ainda. Além da sua doença outros problemas a afligem. Preparavam-lhe o chá na hora em que entrei.

— Como passou o seu Natal? — «Muito triste». A sua dor fora minorada pela presença amiga dos vizinhos.

Logo em baixo, mora a que um dia foi peixeira. Há quatro meses que uma paralisia lhe roubou o seu ganha pão. Vive só. — Quem olha por si? — «São estas pessoas que aqui vê». Eram quatro. «Se não fora aquela santa (apontando para uma delas) a minha dor seria muito maior».

Ouvi a resposta: «Aqui no Barredo temos de ser uns para os outros». Ouve, ó mundo, esta lição. Ai do Barredo se assim não fora. É na dor que sentimos mais necessidade de simpatia. No Getsemáni também. O Homem das Dores não quis estar só naquela hora. Consigo os três que mais amava.

À saída daquela porta tomam-me pelo braço e levam-me. Deixo-me ir. Quatro erianças dormem e junto a avó que

chora. — «Esta precisa muito». — Então que tem? — As lágrimas respondem por si e pelos netos — «Há dias em que não comemos um bocadinho de pão. Aqueles meninos são testemunhas». — «Senhor Padre tudo isto é verdade. Eu sou testemunha da fome que passam. De vez em quando venho trazer-lhes um pouco do meu pão. E quando não tenho dinheiro para o comprar tenho crédito, graças a Deus», atalha a que dissera antes «temos de ser uns para os outros». O mundo aprende a amar. Deixei do que tinha e fui-me embora. Não dera dois passos e sempre levado por mão amiga entrei por ali dentro. Que vi? — Repare neste «anjinho» que não come nem fala. Veja bem, Senhor Padre». E as lágrimas caíam sem cessar. Não era mãe o fazia sua a dor daquele anjo. — E neste... coitadinhos!

— Onde está a mãe? — «Foi pedir. Foi ver se arranjava alguma coisa para lhes dar de comer». E deixou-os ficar sózinhos naquela cama fria. Quem me dera ir eu pedir para que a mãe pudesse dar do seu calor àqueles inocentes. Não perguntei pelo pai. Temi que não soubesse quem.

De mim já tinha a alma cheia. Mas não. O n.º 62 das Escadas do Barredo esperava. Nunca lá tinha ido. Nem sabia quem lá morava. Fiquei a amar mais o nosso «Zé da Lenha» por causa de sua mãe que, por consoada, na noite de Natal comera umas batatas molhadas com as suas lágrimas. Amigos do Barredo, tantos eles são, não só do Barredo da cidade do Porto, mas dos Barredos de Portugal, os vossos recados foram entregues.

Padre Manuel António

## Noticias da Conferência da nossa Aldeia

Os senhores não se admirem de faltarmos, há muito, com a cronica. Tem sido tanta a abundância de original que houve de ir dando a vez, sucessivamente.

**PELOS NOSSOS POBRES:** Ao longo deste interregno a nossa acção manteve-se. Temos reunido assiduamente. Distribuído às mãos cheias. Resolvido alguns casos de miséria material e moral. Lembra-nos, agora, o problema criado pela neta dum velho lhinho que vive em uma formosa casa do Património. É um velho adorável. É bom. Tão bom que só por isso e por via da velhice consentiu que o futuro marido da neta pernitoasse uns dias — sem nós sabermos — em sua casa. Ele não via nisso maldade: «Foram só três noites...» Pusemos tudo no são. E, passados tempos, a rapariga casou.

Presentemente fomos dar com outro caso a pedir solução. O daquela família de três irmãos que durante muitos anos fabricaram uma terra de certo lavrador abastado. Ao cabo de tantos anos, porque não davam o rendimento exigido, o senhor pô-lo na rua. Pediram, ao menos, guardada. A muito custo o senhor abastado franqueia-lhes, por tempo determinado, uma cozinha térrea, anexo de uma casa fechada, à espera de inquilino. Ora essa família é gente de má nota no conceito da vizinhança. Que se em-

bebedam, que fumam e não sabemos mais. A nós parece-nos não ser tanto assim. E a verdade é que eles não têm culpa de ser quase anormais. O seu aspecto, o seu falar é de quem trouxe doença do seio da mãe. Por isso vamos atirar-lhes pedras? Não. Vamos ter caridade e perdoar e ajudar. Havia, no momento, uma casa livre, do Património. Lembramos aquela pobre gente. Reunida a comissão do Património local foi decidido dar-lhes guarda: um dos nossos Pobres vai ocupar a casa vazia, do Património, e os três irmãos Bessa substituem aquele no prédio devoluto do qual pagaremos o respectivo aluguer. É uma solução provisória. Já lhes demos a notícia. O que pra lá foi de pranto!... Tanto maior, quanto é certo ter já habitado no coração deles o desânimo e o desespero: «Olhe que não temos ninguém por nós!» Mas tiveram. Foi Cristo que nos levou lá. Cristo Jesus não falta. Ele é o maior Amigo dos Pobres. Nós é que às vezes faltamos, de muitas e variadas formas.

**O QUE RECEBEMOS:** Permanece a generosidade dos leitores. Graças a Deus. O que não podemos, realmente, é descrever quanto e como veio. Não há espaço. Aqui lançamos uma esponja no atrazado e na próxima crónica registaremos o que vier.

Júlio Mendes

# ANIVERSARIO

Continuação da Primeira Página

*Paulo. Estas suas palavras duras, não foram escritas, nem são dirigidas a elites. Eram sim para as comunidades cristãs de Roma. São hoje para as comunidades cristãs de todo o mundo. Pujaates ontem como agora, nada perderam do seu valor. Os cristãos é que sim. Tanto assim é que estranha-se. Fala-se. Admira-se. A Obra da Rua anda na boca de toda a gente. Uns amam-na. Outros atiram-lhe pedras e todos a sentem.*

*E tudo isto é só porque os cristãos de agora, perderam o sabor.*

*Não compreendem como é que sendo um pobre, possa enriquecer muitos; e não tendo nada, possa na verdade, possuir tudo. Não compreendem.*



## Aqui, LISBOA!

**Q**UEM não gosta de se divertir? E quem mais do que os garotos da rua? Ele é um chilrear de cantares por toda a parte. São os do campo, os das casas, os da cozinha, mais os «batatas». Pega o mal numa ponta e varre a casa toda, de manhã à noite.

Ora, isto é um tónico poderoso. Acalma, apazigua e reconforta estas almas turbulentas e conhecedoras prematuramente das misérias do mundo. Já não é a primeira vez que visitantes aparecem com a exclamação: «a gente não lhes ouve palavras!» Como os não de escutar, se nos ares pairam sempre cantigas alegres a cobrir as horas.

Deus coloca no mundo a terapêutica singela para os males do mesmo mundo. As vezes, tão ao alcance, e nós longe de o supormos.

Também os pombos são remédio para muitos males. Nem eu o sabia. Dão vida a vidas que sucumbiam. Erguem do lodo farrapos sujos caídos da rua que são os rapazes abandonados. Depois de o saber, como gosto dos pombos! Nunca os apreciei tanto como hoje.

É o Carlitos quem traz o primeiro casal de correios de Paço de Sousa, mais a paixão por eles. O nosso velho pombal joanino, em ruínas de silêncio, volta à vida e ao rumor. Ali, os pombos criam. Os recém-nascidos são anilhados. A lotação esgota-se e o contingente perfaz cinco dezenas.

A doença pelos ditos contagia os rapazes que se acercam do pombal. Primeiro, miram e remiram. Em seguida afagam os pombos e estes deixam-se acarinhar. Mas, afinal quem fica apanhado são os rapazes. Tornam no dia seguinte já sem receio. E no encalço dos dias vão as horas, o pensamento, tudo. É preciso sacudi-los. Só pombos. Estes rapazes maus estão presos. Ninguém os arranca dali.

Eles eram do lixo. O mais apaixonado, o que me não larga por via dos concursos, para que leve pombos para onde quer que eu vá, andou em tempos idos pelos caixotes

aos restos para comer. Sofreu o amargo despreso da mãe e mágua cruel com o suicídio do pai. Pelas calçadas, vadio, tornou-se mau. Todos o temiam por lá, e dentro da nossa quinta.

Afinal, os pombos, mausos e simples, cativaram-no e as boras que o vício e as tendências más consumiam ingloriamente, são passadas em colóquio com os pombos. É um encarcerado livre nas quatro paredes do nosso airoso pombal. Nunca mais se ouviu proferir o quê de repreensível, nem agir de modo menos digno.

O homem precisa de paz e candura para se encontrar e se apoderar de si mesmo. No boliço e na lama suja-se inevitavelmente. Ora, as pombas são símbolo de paz e pureza, e neste caso, remédio eficaz.

Todos reparam e se espantam com a mudança deste rapaz. Ele próprio, mais eu. Merece agora confiança o seu porte. Pode-se-lhe dar responsabilidade. E, ei-lo chefe presentemente.

Não venha, pois, ninguém repetir, nem aduzir razões para provar que eles são maus, porque não há rapazes maus. Levantem-se pombais, que haverá menos criminosos e desnecessárias tantas cadeias.

P. Baptista Comissão de Censura



Se não fua o maldade dos homens, como tudo no mundo diria: PAZ!

# Tribuna de COIMBRA

Continuação da página UM

Apresentam-se anunciantes de revistas com fotografias de Pai Américo e das Casas do Gaiato rodeadas de reclames comerciais e chegam à mentira descarada de dizer que o produto é para as Casas do Gaiato e que é tudo de acordo conosco!

Nos últimos dias as montanhas das livrarias de Coimbra apareceram cheias do livro—Padre Américo «O altruista»— livro tão pobre a descrever uma personalidade tão rica. E o seu autor e seu editor não tiveram uma palavra de atenção para com a família do Padre Américo, que é a Obra da Rua.

Há jornais que procuram fazer campanha a favor do Património dos Pobres e pedem que se organizem matinées e que os operários dêem o dia de trabalho de domingo e se promovam festas profanas. Pai Américo concebeu o Património segundo o espírito da Igreja e entregou à Igreja. O contrário é profanar.

Sabemos que neste último carnaval, por cidades e vilas de Portugal se realizaram festas de caridade, que consistiram num pomposo baile e anunciava-se o produto a favor de obras de beneficência local. E as autoridades civis consentiram. Tudo é permitido num país que se diz católico!

Quantos pecados camuflados sob o nome de caridade!

E muitas ofensas, feitas de muitos modos, à Caridade que Pai Américo tanto pregou e amou.

São estes os pregões de desgosto que queremos lançar neste número de aniversário de «O Gaiato», o qual desde a primeira hora revelou só a verdade, embora dura, e por isso entrou bem fundo no coração dos Portugueses.

P. Horácio

Visado pela

P. Baptista Comissão de Censura